

CLARICE LISPECTOR: CONSIDERAÇÕES SOBRE ASPECTOS PSICOLÓGICOS DE ALGUNS PERSONAGENS DA OBRA A HORA DA ESTRELA

Gilvan Dias Soares¹

RESUMO

O modernismo concatenou o movimento literário no Brasil, onde vários escritores o classificou como divisor de águas. Nesse período destaca-se na prosa a saudosíssima Clarice Lispector; uma mulher que fez sucesso e recebeu elogios de grandes autores, entre eles, alguns internacionais, pois fora do Brasil a autora também fez trabalhos e além de bons resultados recebeu críticas que foram aprimorando seus dotes. Analisar a obra "A hora da Estrela" de Lispector é mexer com o psíquico e aprender a desvendar mistérios sobre cada personagem da obra; parecem que as histórias são contadas no íntimo do intelecto humano. A partir dessa observação, pretende-se com o artigo a pesquisa bibliográfica que servirá de apoio para a desvendar o que a autora tentou retratar nessa obra de ficção, que aos olhos de simples leitores não seria possível observar a essência de cada palavra onde ao longo das linhas contínuas dos textos, vão se abrindo novos horizontes de prazer e paixão. Além desse tema o artigo expandirá a descrição parcial da obra, a partir da qual despertará a curiosidade em ler o romance, onde o cunho cronológico nos embaraça durante toda a sequência.

PALAVRAS – CHAVE: Modernismo. Psíquico. Leitor.

ABSTRACT

Modernism concatenated literary movement in Brazil, where several writers classified it as a watershed. During this period stands out in prose saudosíssima Clarice Lispector; a woman who was successful and received rave reviews from great authors, among them, some international, because outside of Brazil the author also did work well and received good results that were critical honing his skills. Analyze the work "The hour of Star" Lispector is messing with the psychic and learn to unravel mysteries about each character of the work; seem that the stories are told in the intimate human intellect. From this observation, it is intended to Article bibliographic research that will support to discover what the author tried to portray in this work of fiction, which in the eyes of readers simply would not be possible to observe the essence of every word which along the solid lines of text, will be opening new horizons of pleasure and passion. As well as this article will expand the partial description of the work, from which arouse curiosity in reading the novel, where the chronological nature entangles us throughout the sequence.

KEY - WORDS: Modernism. Psychic. Reader.

¹ Graduando do curso de Letras - português/inglês na Faculdade Capixaba da Serra.

1. INTRODUÇÃO

Clarice Lispector foi uma escritora renomada que desde cedo já fez sucesso no Brasil e fora dele, carregando no sobrenome Lispector que vem do latim: lis no peito; flor - de - lis. Muitos escritores até acharam que seria um pseudônimo, em uma entrevista que a própria escritora concedeu a TV2 - Cultura cujo programa foi panorama, na data de 01/02/1977, com o assunto Clarice. Segundo a própria escritora, o escritor Sergio Milliet cujo nome era desconhecido por ela, disse: “essa escritora de nome desagradável, certamente um pseudônimo”.

Analisando obras da referida autora, observa-se que ela é uma autora filosófica que, além de pensar, faz-nos pensar também; obviamente achamos difícil, pois não temos esse hábito de pensar e nem de analisar leituras como essas obras. Autora de uma linha de observação dos próprios pensamentos e sentimentos buscava dar a entender, a conhecer, a manifestar por palavras ou gestos através dos seus textos extensos e recíprocos do ser.

Suas obras caracterizam-se e tornam-se mais acerbo do momento interior e intenso rompimento com o enredo que se baseia em fatos, a ponto de a própria subjetividade entrar em crise. Muitos acham Clarice uma autora hermética, com difícil compreensão, totalmente fechada.

Um de seus romances que será expandido nesse artigo será: A Hora da Estrela, que foi o último trabalho da escritora narrado por Rodrigo, um autor narrador-personagem que faz interferências em diversas contínuas linhas ao longo do romance; com um estilo de narrativa que ele próprio utiliza para atrair o leitor a prosseguir a leitura. Ela, com uma grande e vasta memória ao abordar corretamente como vive um nordestino, pois já sabe dessa “vida”, pelo fato de ter morado lá e através do bom senso de pesquisa, abordou bem esse tema.

Bem sei o que é chamado verdadeiro romance. No entanto, ao lê-lo, com suas tramas de fatos e descrições, sinto-me apenas aborrecida. E quando escrevo não é o clássico romance. No entanto, é romance mesmo. Só que o que me guia ao escrevê-lo é sempre um senso de pesquisa e de descoberta. Não, não de sintaxe pela sintaxe em si, mas de sintaxe o mais possível se aproximando e me aproximando do que estou pensando na hora de escrever. Aliás, pensando melhor, nunca escolhi linguagem. O que eu fiz, apenas, foi ir me obedecendo. (...) Vou me seguindo, mesmo sem saber ao que me levará. (...) Embora representando grande risco, só é bom escrever quando ainda não se sabe o que acontecerá (LISPECTOR, 1975, p. 103-105).

Uma escritora com um belo exemplo de vida; para ela, escrever é viver. Obedecendo ao seu próprio ponto de vista com uma linguagem diversificada, em que não escolheu e sim nasceu espontaneamente suas ideias. Sabe-se que a escrita envolve múltiplas e complexas relações: entre escritor e o seu texto, entre escritor e o seu público, entre escritor e a personagem tão distante do seu universo. Segundo a obra Clariceana, em A Hora da Estrela a autora cita que:

Macabéa nascera com maus antecedentes e agora parece uma filha de um não-sei-o-quê com ar de se desculpar por ocupar espaço. No espelho distraidamente examinou de perto as manchas no rosto. Em Alagoas

chamavam-se “panos”, diziam que vinham do fígado. Disfarçava os panos com grossa camada de pó branco e se ficava meio caiada era melhor que o pardacento. Ela toda era um pouco encardida, pois raramente se lavava. De dia usava saia e blusa, de noite dormia de combinação. Uma colega de quarto não sabia como avisar-lhe que seu cheiro era morrinhento. E como não sabia, ficou por isso mesmo, pois tinha medo de ofendê-la. Nada nela era iridescente, embora a pele do rosto entre as manchas tivesse um leve brilho de opala. Mas não importava. Ninguém olhava para ela na rua, ela era café frio (LISPECTOR, 1975, p. 42).

De acordo com o que é dito na obra a personagem é uma datilógrafa sem muito preceito, ela não era igual às outras, para se tornar uma pessoa legal faltava muito e para uma funcionária bem sucedida também. Macabéa era muito desajeitada e sem pudor, qualidades que um bom funcionário precisa, deixava muito a desejar no seu trabalho. Por ser personagem principal do romance “A Hora da Estrela” é uma pobre jovem que veio do interior do Nordeste e caiu de paraquedas no Rio de Janeiro. Uma jovem totalmente desconectada com o mundo, que adora ouvir a rádio relógio, onde acreditava e relatava todas as informações que houve lá.

Durante todo o romance A Hora da Estrela, nota-se que os personagens têm diferentes vidas sociais. Olímpio, Glória, Macabéa, madame Carlota entre outros, cada um com o propósito de se dar bem na vida. Por ser uma pessoa fria e sem cautela alguma, Macabéa se doía toda, não se sabe nem onde e nem de que, mais se doía, talvez seja de sofrimento, Por ser uma jovem que desde cedo trazer da vida uma carga de sofrimento e amargura; foi criada com uma tia, não conheceu nem o pai nem a mãe, pois ambos morreram cedo.

Quanto a Lispector, A Hora da Estrela é a sua última obra publicada em vida, despertando, pela sua temática, construção de personagens e reflexões sobre a linguagem e sobre o fazer literário, intenso interesse da crítica. Já citado aqui que era uma escritora muito reflexiva.

Desse modo justifica-se que A Hora da Estrela é uma obra bem elaborada e bem sucedida, pois ela desperta um grande interesse aos leitores, ao observar na trama que Macabéa tem um papel fundamental no Romance, assim a mesma mostra duas culturas de cidades diferentes, o Nordeste e o Rio de Janeiro. Pretendeu assim, mostrando e relatando que é possível uma pessoa que viveu em um lugar, se adequar a outro totalmente diferente, fazendo um paralelo com o psicológico fictício e o psicológico humano para compreender melhor a construção do mesmo assunto, com os aspectos diferenciados e subjugados reais.

Conforme citado anteriormente, o tema é sobre o psicológico dos personagens, delimita-se, analisa-se e observa-se que a própria Macabéa tem um lado psicológico totalmente diferente dos outros, ela própria se distancia da realidade em que vive, como se ela vivesse por viver, tentando mostrar que ela está no mundo, mas ao mesmo tempo fora dele:

Talvez fosse assim para se defender da grande tentação de ser infeliz de uma vez e ter pena de si (...). Em todo caso o futuro parecia vir a ser muito melhor. Pelo menos o futuro tinha a grande vantagem de não ser o presente, sempre havia nela miséria humana. É que tinha em si mesma uma certa flor fresca. Pois, por estranho que pareça, ela acreditava. Era apenas fina matéria orgânica. Existia. Só isso (LISPECTOR, 1975, p. 54 – 55).

Em *A Hora da Estrela*, a autora descreve Macabéa como a personagem central do Romance, onde faz em relato da vida da própria personagem e de suas misérias que se interligam a um plano constitutivo da narração. Desse modo, Clarice Lispector traz um narrador masculino (o primeiro da sua obra), Rodrigo S. M. apresenta-se ao leitor e define seu objetivo literário: narrar a história de uma nordestina vinda de Alagoas, chamada Macabéa, que morava no Rio de Janeiro.

A moça é descrita como completamente inexpressiva; ele mesmo faz questionamento sobre a sua maneira de narrar, cita também os motivos que o levam a contar a história da jovem e sua dificuldade em compreender compreendê-la visto que essa pertence a uma camada social muito diferente da sua, como citado anteriormente.

No mesmo pensamento, objetiva-se a fazer uma análise dos personagens e ao mesmo tempo mostrar que vivem em um mundo vasto, de diferentes tipos de raça e culturas, mas mesmo assim conseguem conciliar tudo, com um psicológico distante e diferente de outras pessoas. Mostrar que Macabéa, a personagem central do romance é uma jovem bem diferente do que estamos acostumados a ver, bem distante de uma jovem que vive em uma sociedade democrática, onde trabalhar e viver são os pontos chaves para progredir na vida. Diante disso, destacam-se algumas especificidades.

Assim pretende-se através do artigo aprimorar e integrar o conhecimento, alertar o leitor para que ele próprio tome por base um conhecimento prévio, tendo uma observação apurada dos elementos com que as palavras se entrelaçam junto com a relação da sociedade e dos aspectos voltado ao psicológico.

Com isso busca-se desenvolver uma pesquisa ampla e bibliográfica que. Segundo Ferrão (2007), ele aponta muito bem o ato de bibliografar uma pesquisa, pois:

Para o acadêmico, a pesquisa bibliográfica é a técnica mais importante, pois através dela, adquire-se e renova-se o conhecimento sobre um assunto. Através das consultas realizadas nas fontes bibliográficas, exercita-se a capacidade de leitura, análise, síntese, raciocínio lógico e interpretação; aprimora-se a criatividade e a capacidade de expressão escrita e oral; transforma o seu conhecimento empírico em científico; passa-se a ter mais confiança na ciência; prepara-se para o mestrado e doutorado (FERRÃO 2007, p.61).

Serão retratados os três tipos de classificação: os exploratórios, os descritivos e os explicativos. Os exploratórios serão usados para explorar o material que será abordado no presente artigo “livro” podendo assim, observar cada linha do material usado.

Para Cervo (2007), usar o método exploratório é um dos passos fundamentais para o processo de pesquisa:

A pesquisa exploratória não requer a elaboração de hipóteses a serem testados no trabalho, restringindo-se a definir objetivos e buscar mais informações sobre determinado assunto de estudo. Tais estudos têm por objetivo familiarizar-se com o fenômeno ou obter uma percepção dele e descobrir novas ideias. A pesquisa exploratória realiza descrições precisas da situação e quer descobrir as relações existentes entre seus elementos

componentes (CERVO, 2007, p. 63).

O método descritivo, por sua vez servirá para descrever toda a explicação que será explícita em todo o projeto, mostrando cada marca, ou seja, cada aspecto filosófico e psicológico de cada personagem.

Sobretudo CerVO (2007), também descreve essa fase muito bem, pois diz que:

A pesquisa descritiva observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los. Procura descobrir, com a maior precisão possível, a frequência com que um fenômeno ocorre, sua relação e conexão com outros, sua natureza e suas características. Busca conhecer as diversas situações e relações que ocorrem na vida social, política, econômica e demais aspectos do comportamento humano, tanto do indivíduo tomado isoladamente como de grupos e comunidades mais complexas. A pesquisa descritiva desenvolve-se, principalmente, nas ciências humanas e sociais, abordando aqueles dados e problemas que merecem ser estudados, mas cujo registro não consta de documento (CERVO, 2007, p. 61).

Observa-se que cada leitor, poderá fazer uma leitura do objeto citado (livro) e dele ter uma visão e um entendimento concludente, diferenciado do aspecto psicológico de cada personagem da obra retratada.

Além disso, será feito uma análise de documentos, ou seja, alguns documentos feitos por outras pessoas. E de acordo com CerVO (2007), documento é toda base de conhecimento fixado materialmente sustentável de ser utilizado para consulta, estudo ou prova. Por esse modo, alguns artigos realizados por pessoas que também trabalharam o mesmo tema, mas focando outra proposta na realização do trabalho. Também só lembrando que a observação é fundamental para o embasamento do mesmo.

O foco principal do tema é apresentar a cada leitor os aspectos psicológicos de cada personagem e observar o que a própria Clarice Lispector usa em seu material, textos herméticos, ou seja, um material que não é de fácil compreensão.

2. CARACTERÍSTICAS CLARICEANAS DE ESTILO SEGUNDO A LITERATURA BRASILEIRA.

Conforme afirma Coutinho (2001), logo depois do maior romancista Machado de Assis, a ficção brasileira tanto no Romance quanto no conto atingira um grau elevadíssimo de maturidade, tendo um futuro promissor garantido. A partir do Romantismo seguem duas vertentes juntas uma da outra, mas que de hora em hora confundem alguns escritores. São elas: a regionalista e a psicológica e costumista. Por ser uma escritora renomada, cheia de talento e ao mesmo tempo quieta, Clarice Lispector entra nesse campo de trabalhar com o regional e o psicológico, mostrando assim esses dois lado a região e o psíquico, em seu romance A Hora da Estrela.

Em ambas as vertentes, Coutinho ainda continua esclarecendo que a preocupação central é o homem. Na vertente regionalista, entretanto, o homem é analisado de acordo com o meio em que vive e seus elementos, sendo ressaltada sua pequenez diante dos problemas que o ambiente lhe opõe.

Na vertente *psicológica e costumista*, o homem é colocado diante de si mesmo e dos outros, são analisados problemas de conduta, dramas de consciência, meditações sobre o destino, buscando uma visão de personalidade e vida humanas. Nessa última vertente, encontra-se a produção de Clarice Lispector, onde abrange em sua obra todos esses elementos que condizem ao meio social de cada região destacada.

Coutinho (2001) faz uma definição à parte sobre a escritura Clariceana, afirmando que, “no caso de Clarice Lispector, é a tentativa de valorizar os produtos do sonho e da fantasia, na criação de uma atmosfera (...) de forte conteúdo emotivo e linguagem metafórica, fugindo assim para uma variedade de realismo mágico”. E é essa variedade que faz com que a autora crie todo o seu pensamento em cima de algo diferenciado e inovador e fica consistente e visível ao lê sua obra.

De acordo com Bosi (2004), o período que vem de 30 até nossos dias pode ser dividido, sem muita rigidez, em dois momentos: entre 1930 e 1945/50 e a partir de 1950 até os dias atuais. E é nessa divisão que ele mostra no primeiro momento a ficção regionalista, junto com o ensaio social e também o aprofundamento da lírica moderna. Afirma-se lenta, mas seguramente vinha o romance introspectivo, e é nesse introspectivo que encontra-se Clarice Lispector.

A *ficção intimista*, no conto ou romance, que já havia demonstrando forças no primeiro momento, continua viva com escritores como Lygia Fagundes Telles, Fernando Sabino e Carlos Heitor Cony. O fluxo da consciência é trabalhado, entre outros autores, na prosa de Clarice Lispector.

Para Bosi (2004), Clarice Lispector em seu Romance, deixa transparecer as características formais às quais se manteria fiel durante toda sua produção literária. Entre essas características, destacam-se o uso constante da metáfora insólita, a entrega ao fluxo da consciência, a ruptura com o estado factual e o monólogo interior. O autor ainda afirma que há na gênese da obra da escritora tal exacerbação do momento interior que, em certo ponto, a própria subjetividade entra em crise, exigindo um novo equilíbrio. Então a narradora salta, conscientemente, do psicólogo para o metafísico. Para muitos escritores, Lispector não tinha inspiração e sim tudo era trabalho do inconsciente até a elaboração interior do seu psiquismo sobre o material da ficção.

Segundo Gotlib (1995), algumas das características da escrita Clariceana podem ser verificadas até mesmo nos contos que escrevia quando criança, os quais tentava publicar no Diário de Pernambucano. Nunca conseguiu publicá-los, segundo Clarice, por que esses contos diferiam muito dos das outras crianças. No entanto, ela continuou a enviar seus textos, nos quais o que havia de especial era que não relatavam fatos, mas sensações. Sempre fugia do tradicional “Era uma vez...”. Desde cedo à escritora se apega a sensações ou impressões e delas apreendia o instante, precioso para suas reflexões, de onde surgiram moralidades que nem sempre representavam o senso-comum.

É possível constatar que Clarice Lispector é dona de um estilo singular entre nossas letras e que sua obra é fonte inesgotável para pesquisadores que desejam contribuir para o constante desvendando do mistério para o mundo acadêmico e que novos

pesquisadores podem ter uma vida vasta de sabedoria ao analisar e aprofundar nesse nome que está registrado na história da literatura.

2.1 A POÉTICA DE LISPECTOR: INOVAÇÕES DE ESTILO – O TRABALHO COM A LINGUAGEM E A TEMATIZAÇÃO DO SENTIMENTO.

A originalidade de estilo foi a principal marca cunhada por Lispector. Seu traço tão característico, mesmo que configurado como hermético, foi altamente defendido e empreendido pela autora. Lispector ousou tentativas próprias no processo de escrita; com sua capacidade singular de expressar-se abandonou o senso comum e trouxe, com esta conduta, novas perspectivas para a Literatura Brasileira.

Candido (1977), afirma e descreve essa fase muito bem, pois diz que:

A autora (...) colocou seriamente o problema do estilo e da expressão. Sobretudo desta. Sentiu que existe uma certa densidade afetiva e intelectual que não é possível exprimir se não procurarmos quebrar os quadros da rotina e criar imagens novas, novos torneios, associações diferentes das comuns e mais fundamente sentidos. A descoberta do cotidiano é uma aventura sempre possível, e o seu milagre, uma transfiguração que abre caminho para mundos novos (CANDIDO, 1977, p. 128).

Cronista, Lispector experimenta apresentar textos novos, textos relidos, citações, cartas de leitores e, como em toda a sua obra, comenta o seu processo de escrita. Lispector, a todo tempo, se repete no sentido de que não é cronista propriamente dita e, por vezes, afirma que tampouco sabe o que é crônica, esta forma tão simples e complexa, esse gênero gerado na hibridez.

Por esse mesmo motivo a grande escritora Clarice Lispector afirma que:

Crônica é um relato? É uma conversa, é o resumo de um estado de espírito? Não sei, pois antes de começar a escrever para o *Jornal do Brasil*, eu só tinha escrito romances e contos. (...) por uma questão de honestidade para com o jornal, que é bom, eu não quis escrever tolices (LISPECTOR, 1992, p. 112-113).

Tal trecho, que ilustra a não identificação inicial de Lispector com a profissão de cronista, é da crônica “Ser cronista”, datada de 1968, segundo ano da autora no *JB*, *Jornal do Brasil*. Trata-se de um exemplo das reflexões dela sobre as mudanças, inovações, convenções a que se submete enquanto cronista e escritora. Em “Ser cronista”, torna-se evidente o seu espanto diante do novo gênero.

A própria Clarice escreve ótimas crônicas e, contudo se diz não ser cronista, não para se enaltecer, mas para mostrar que realmente sabe o que faz. Para ela, a única pessoa que estava à altura de fazer e falar sobre crônica era Rubem Braga que foi o inventor da crônica, mas mesmo assim, iria tateando sozinha aos poucos no assunto e ver se atenderia a perspectiva proposta em escrever esse estilo.

A escrita de Lispector é densa e circula pelo cotidiano. Retira de momentos aparentemente despojados e de grande importância, o ponto de partida para reflexões sobre a condição humana.

Conforme Candido (1977), com uma vasta experiência diz que:

Clarice Lispector aceita a provocação das coisas à sua sensibilidade e

procura criar um mundo partindo das suas próprias emoções, da sua própria capacidade de interpretação. Para ela, como para outros, a meta é, evidentemente, buscar o sentido da vida, penetrar no mistério que cerca o homem (CANDIDO, 1977, p. 128).

Qualificada por Cândido como “ousada”, Lispector elaborou novidades no campo do estilo e da expressão, especialmente, para o campo do psicológico, visto que se preocupa com as realizações da mente. Seus romances são considerados pelo crítico como “*romances de aproximação*”.

É como se Lispector quisesse chegar ao interior do ser sem compreender ou tocar. Essa busca infundável, essa revista do ser humano e do cotidiano que o cerca revela uma dimensão mais profunda em que é possível a projeção de questionamentos para além do comum ou do estático. O ritmo que Lispector mantém em escrita é o da procura e, justamente por isso, envolve-se na tensão psicológica. Nada é tão explícito quanto aparenta, pois a procura é misteriosa, tateiam-se coisas desconhecidas e se caminha por lugares desconhecidos.

A obra de Lispector, inclusive suas crônicas, possuem outro aspecto muito valorizado e pesquisado, que é o seu lado metaficcional. Lispector tende para uma reflexão no que diz respeito à sua escrita, seu método. Em suas crônicas expõe as perplexidades e facilidades deflagradas mediante o novo gênero em que se aventura. De acordo com Massaud Moisés (2004) é metaficção e descreve sobre isso dizendo que:

(...) a ficção que pensa a si própria dentro do texto em que se desenvolve, obedecendo a um impulso de autodesvendamento, como se o autor, desdobrado num “Outro”, se espionasse no ato de construir o edifício narrativo (...) (Massaud, 2004, p. 281).

Ao despojar-se da sua impessoalidade, Lispector adquire um tom que agrada o público leitor. A exposição, tão evidente e inoportuna aos olhos da escritora, a transporta para um outro molde. Dentro dele, a escritora passa a figurar como mais uma personagem da vida cotidiana. O tom usado pela escritora será descrito pela mesma como algo exercido somente em crônica e pela simples razão de ser escrita para um público maior, não específico. Um público assim, mais aberto e diferenciado, é capaz de exercer sobre ela uma força que a impulsiona para a mudança, para a transformação quanto à sua escrita, ao seu estilo principalmente:

(...) basta eu saber que estou escrevendo para jornal, isto é, para algo aberto facilmente por todo mundo, e não para um livro, que só é aberto por quem realmente quer, para que, sem mesmo sentir, o modo de escrever se transforme (LISPECTOR, 1992, p. 112).

Neste gênero, Lispector assume um tom mais próximo do leitor e entra num veículo que lhe confere um contato diário com o público, diferentemente do que acontecia com sua literatura de livros. Assim, Lispector se vê no cotidiano de inúmeros brasileiros e assume uma notoriedade que a deixa exaltada e ao mesmo tempo feliz, abraçada finalmente.

2.2 LICENÇA POÉTICA NA LÓGICA DA INTERPRETAÇÃO: PSICANARTE

Entre a psicanálise e a arte há uma intrínseca relação, que é o predomínio de “psicanarte”. A psicanálise se articula com a arte nas múltiplas expressões, entre essas se destaca: escultura, literatura, música, pintura, teatro, poesia... No final de sua obra, Lacan (1965) afirma: “a poesia é efeito de sentido, mas também efeito de furo [...] somente a poesia permite a interpretação”, ou seja, para muitos escritores quando citam ou relatam caso que envolve o psíquico humano, muitos leitores não obedecem e nem adoram a obra em si, isto é, muitos leitores não gostam de obras que utilizam a mente como principal arma para desvendar o que quer dizer no texto.

A arte e suas manifestações são as entrelinhas do saber psicanalítico, o dizer-significação de ex-sistência – que permite alcançar o real a que a interpretação do analista visa. Ainda Lacan continua ressaltando que: “a única vantagem que o psicanalista tem o direito de tirar de sua posição, sendo-lhe esta reconhecida como tal, é de se lembrar, com Freud, que em sua matéria o artista sempre precede”. O artista desbrava o caminho, um “saber sem mim aquilo que ensino”. A licença poética, tanto na interpretação como na poesia, subverte as palavras com metáforas e outras figuras de linguagem, produzindo efeitos de furo no significante e, em consequência, novas significações.

Para Clarice Lispector descrever Macabéa como um fenômeno de ingenuidade, ela aborda muito bem esse papel, pois quando retrata uma jovem inferior a outra, ela tenta mostrar que a pessoa em si não tem plenas condições de viver em um mundo diferente do dela se não tiver força de vontade para progredir.

Palavra, na poesia e na análise, é feita do mesmo barro e esculpida com a mesma ferramenta: a escuta. Precede o sujeito: antes de nascer, ele é marcado pela palavra – palavra sedenta, vinda do outro. Na impossibilidade de saciar a sede do outro, o sujeito faz dela a fonte e a sede do objeto causa do desejo. O outro é designado também por Lacan (1958), como:

O próprio lugar evocado pelo recurso à palavra [...] quer o sujeito o ouça ou não com seu ouvido, é porque é ali que o sujeito, por uma anteriormente lógica, a qualquer despertar do significado, encontra seu lugar significante (LACAN, 1958, p. 696).

É desse lugar que o sujeito escreve sua história e situa seu próprio desejo, para aquém e para além da palavra contida na demanda. Nesse mesmo pensamento pode-se destacar Macabéa e Olímpio, pois ambos são de Alagoas, mas com pensamentos totalmente diferente um do outro, enquanto ela é sonsa, ingênua e sonhadora ele é: mau caráter, hipócrita e fajuto.

Freud afirma que, por meio da arte, torna-se possível uma reconciliação entre o princípio do prazer e o da realidade. O artista se afasta da realidade por não concordar com a renúncia à satisfação pulsional e, dessa forma, Freud (1905) ressalta que: “concede a seus desejos eróticos e ambiciosos completa liberdade na vida de fantasia”. A obra de arte, valorizada pelos homens como reflexo precioso da realidade, é o caminho de volta que o artista faz – da fantasia para a realidade –, sem seguir o longo caminho sinuoso de efetuar alterações reais no mundo. Da mesma forma,

A psicanálise pode mudar tudo para o sujeito sem mudar nada na realidade.

A vida que o analisando teve não se refaz. Ao contrário, o que se modifica é a maneira como ele se situa nela e o sentido que lhe dá (SOLER, 1991, p 56).

No fundo, Clarice Lispector (1977) em entrevista concedida na TV Cultura a Júlio Lerner, diz que: “a gente não está querendo alterar as coisas. A gente está querendo desabrochar de um modo ou de outro [...]”. O sujeito em análise é o escritor de sua própria história, escrita com a impossibilidade de saber sobre a verdade, fixa o sujeito em seu ponto de sofrimento.

O analista intervém no texto do sujeito, pelos meios de interpretação – com pontuação, enigma, equívoco, escansão, corte, silêncio –, para atingir o sujeito representado em sua equivocidade e, assim, provocar o esvaziamento do texto cifrado pelo gozo e chegar a uma a – história feita de palavras desabitadas, palavras vazias de mestria, assim com em A Hora da Estrela, Clarice Lispector descreve que para tornar o livro do analisante um livro feito sem palavras, uma fotografia muda, um silêncio, enfim uma pergunta..., a qual relançará o sujeito a novas significações, significações de ex – sistência, que lhe possibilitem obter uma modificação em sua relação com a fantasia... Que atinjam o dizer sem, no entanto, se satisfazerem com nenhum saber.

A interpretação deve incidir no texto do analisante, fazer soar os inconfessos silêncios, deve atravessar a vida, o instante incomensurável do tempo; deve, enfim, romper o cerco das gaiolas. Cortar o fio que fixa o sujeito. Com tudo isso, o psíquico humano será relevante quando o leitor em si tomar por base uma obra e dela fazer uma análise profunda de tudo o que escritor quis, ou não, falar a respeito de um determinado assunto ou personagem na história, só assim o leitor compreenderá mais sobre os diferentes tipos de lugares ou pessoas para que no final saiba reorganizar o seu pensamento e fazer as diferenciações de cada personagem em seu lugar de origem.

2.3 INTERTEXTUALIDADE E INTERDISCURSIVIDADE: O DIÁLOGO ENTRE TEXTOS DE LISPECTOR.

No âmbito da Literatura, o modelo romântico de originalidade perdurou e criou uma forma de produzir arte no sentido de negar fontes e inspirações. Até o século XVIII, o autor de literatura era um ser divinizado que escondia o processo de feitura de suas obras.

Contudo, diante de reflexões como as do círculo bakhtiniano, pôde-se observar um movimento no sentido contrário, visto que o dialogismo é, na atualidade, tido como um fator essencial para a compreensão da literatura. Tornou-se constante o ato de interagir abertamente e artisticamente com a tradição e com contemporâneos. Lispector certamente compartilhou dos efeitos de tal método de produção artística que rege a contemporaneidade.

A romancidade se funda no não fechamento à consciência do autor. Surge como uma manifestação das vozes sociais diretamente ligadas ao fenômeno da polifonia: os contrastes e temas tecem uma malha textual refletindo contradições, sobreposições. Concordando com os parágrafos acima Bakhtin (2005), retrata que:

A essência da polifonia consiste justamente no fato de que as vozes, aqui, permanecem independentes e, como tais, combinam-se numa individual, então é precisamente na polifonia que ocorre a combinação de várias vontades individuais, realiza-se a saída de princípio para além dos limites de uma vontade. Poder-se-ia dizer assim: a vontade artística da polifonia é a vontade de combinação de muitas vontades, a vontade do acontecimento (BAKHTIN, 2005, p. 21).

Existem diferentes formas de dialogismo e algumas se manifestam nas crônicas de Lispector de forma mais intensa. A autora, ao enunciar e, assim, posicionar-se perante enunciados prévios, seus e de outros, produz uma resposta que será motivo de reflexão, pois seus enunciados possuem destinatários que entrarão em contato com tais textos com que dialogam.

A escritora recolhe de si mesma e de sua relação com o mundo cotidiano o material passível de desenvolvimento em crônica. Lispector, inclusive, retoma-se e articula textos como forma de dialogar consigo mesma. Seu material escrito é motivo de revisão, reconfiguração.

Segundo Fiorin (2006), complementa assim:

Os homens não têm acesso direto à realidade, pois nossa relação com ela é sempre mediada pela linguagem. Afirma Bakhtin que 'não se pode realmente ter a experiência do dado puro' (...). Isso quer dizer que o real se apresenta para nós semioticamente, o que implica que nosso discurso não se relaciona diretamente com as coisas, mas com outros discursos, que semiotizam o mundo. Essa relação entre os discursos é o dialogismo. Como se vê, senão temos relação com as coisas, mas com os discursos que lhes dão sentido, o dialogismo é modo de funcionamento real da linguagem (...) (FIORIN, 2006, p. 167).

Clarice, então, reúne em sua obra tanto a perspectiva social quanto a individual e, assim, permanece vinculada ao convívio humano sem se desconectar da reflexão sobre si mesma. A princípio, sua atitude solitária, sua viagem para dentro de si pode parecer incompreensível e desmembrada de um intuito social ou dialógico. Entretanto, é na raiz de tal postura que a descobrimos fincada no dialogismo, em relação aos outros e a si. O dialogismo se dá entre os enunciados e entre locutor e interlocutor, visto que, ao enunciar, o sujeito constrói seu discurso tendo em vista os enunciados que o precedem e os que o sucedem.

(...) a intercomunicação dos discursos não é algo novo. O que é novo, a partir do século XIX, é que esse inter-relacionamento apareça como algo sistemático, assumido implicitamente pelos escritores, e que o recurso a textos alheios se faça sem preocupação de fidelidade (imitação), ou de contestação simples (paródia ridicularizante), sem o estabelecimento de distâncias claras entre o original autêntico e a réplica, sem respeito a qualquer hierarquia dependente da "verdade" (religiosa, estética, gramatical). O que é novo é que essa assimilação se realize em termos de reelaboração ilimitada da forma e do sentido, em termos de apropriação livre, sem que se vise o estabelecimento de um sentido final (coincidente ou contraditório com o sentido do discurso incorporado) (MOISÉS, 1993, p. 60).

Constata-se, portanto, que enunciados são apresentados na Literatura mediante textos – o texto existe como manifestação do enunciado. Dada esta medida, fica clara a distinção entre intertextualidade e interdiscursividade: a interdiscursividade é mais ampla e diz respeito ao sentido enquanto que a intertextualidade só se dá

mediante o encontro de duas materialidades linguísticas.

Há claramente uma distinção entre as relações dialógicas entre enunciados e aquelas que se dão entre textos. Por isso, chamaremos qualquer relação dialógica, na medida em que é uma relação de sentido, interdiscursiva. O termo intertextualidade fica reservado apenas para os casos em que a relação discursiva é materializada em textos (FIORIN, 2006, p. 181).

Demonstrou-se, por meio dessas reflexões a distinção entre as variações de dialogismo nas quais serão concentradas as análises. Mediante textos escolhidos, procura-se traçar um paralelo e se intenta o aprofundamento quanto a tais fenômenos e seus resultados na produção em crônicas de Lispector.

2.4 ASPECTOS PSICOLÓGICOS DE ALGUNS PERSONAGENS DA OBRA A HORA DA ESTRELA.

O fato literário só vive de receptor em si uma parte da inconsciência, ou de inconsciente. (Jean Bellemin-Neoel)

Muitos autores e escritores já ressaltaram sobre o aspecto psicológico, mas em defesa do psíquico humano, alguns escritores destacam-se o campo psicológico, onde muitos entendem como um campo de força que leva uma pessoa a procurar a boa forma, as coisas podem não estar totalmente estruturadas, mas com esse campo as tendências puxam para o lado da garantia.

Segundo Bock (2002), aborda sobre esse tema dizendo que:

Campo não deve, porém, ser compreendido como uma realidade física, mas sim fenomênica. Não são apenas os fatos físicos que produzem efeitos sobre o comportamento. O campo deve ser representado tal como ele existe para o indivíduo em questão, num determinado momento, e não como ele é em si. Para a constituição desse campo, as amizades, os objetivos conscientes e inconscientes, os sonhos e os medos são tão essenciais como qualquer ambiente físico (BOCK, 2002, p. 65).

No ramo da literatura, a autora Clarice Lispector, aborda muito bem esse tema com o fato de que o psíquico humano interage razoavelmente com as pessoas e juntos obedecem ao mesmo sistema comportamental. Ao visualizar a obra A Hora da Estrela, a autora escreve e descreve esse ponto focando muito bem nos personagens, onde a diferença de raciocínio são imensas, pois ela esclarece e deixa registrado em algumas páginas do Romance.

Ao abordar sobre a vida de Macabéa, uma de suas personagens, ela deixa registrado o seguinte:

Com dois anos de idade lhe haviam morrido os pais de febres ruins no sertão de Alagoas, lá onde o diabo perdera as botas. Muito depois fora para Maceió com a tia beata, única parenta sua no mundo. Uma outra vez se lembrava de coisa esquecida. Por exemplo a tia lhe dando cascudos no alto da cabeça porque o cocuruto de uma cabeça devia ser, imaginava a tia, um ponto vital. Dava-lhe sempre com os nós dos dedos na cabeça de ossos fracos por falta de cálcio. Batia mas não era somente por que ao bater gozava de grande prazer sensual – a tia que não se casara por nojo – é que também considerava de dever seu evitar que a menina viesse um dia a ser uma dessas moças que em Maceió ficavam nas ruas de cigarro acesso esperando homem. Embora a menina não tivesse dado mostras de no

futuro vir a ser vagabunda de rua. Pois até mesmo o fato de vir a ser uma mulher não parecia pertencer à sua vocação. A mulherice só lhe nasceria tarde porque até no capim vagabundo há desejo de sol (LISPECTOR, 1975, p. 28).

Com uma trágica infância, Macabéa se tornara uma criança sofrida, com uma vida cheia de amargura e sem amor, onde não teve carinho de nenhum ente querido da família, pois o que lhe sobrara só foi uma tia, que tentou cuidar de sua vida, mas ao mesmo tempo lhe deixou com hematomas gravíssimos no íntimo do seu psíquico. Por viver uma vida simples e pacata, a jovem não se conhece direito e ao mesmo tempo é boba e ingênua. Quando Clarice aponta a jovem no Romance em seu primeiro encontro amoroso, ela descreveu de uma forma engraçada porque tanto Macabéa quanto Olímpio não se tinham-se visto pelo mundo afora, onde descreveram assim:

No meio da chuva abundante encontrou a primeira espécie de namorado de sua vida, o coração batendo como se ela tivesse englutido um passarinho esvoaçante e preso. O rapaz e ela se olharam por entre a chuva e se reconheceram como dois nordestinos, bichos da mesma espécie que se farejam. Ele a olhara enxugando o rosto molhado com as mãos. E a moça, bastou-lhe vê-lo para torná-lo imediatamente sua goiaba com queijo (LISPECTOR, 1975, p. 43).

A autora ainda continua abordando, acrescentando e argumentando sobre o encontro do casal, pois os dois recém-conhecidos não sabiam como se portar diante de um caso amoroso, de certo com esse encontro ressaltou os três primeiros encontros.

Ele...

Ele se aproximou e, com voz cantante de nordestino que a emocionou, perguntou-lhe:

- E se me desculpe, senhorita, posso convidar a passear?

- Sim, respondeu atabalhoadamente com pressa antes que ele mudasse de ideia.

- E, se me permite, qual é mesmo a sua graça?

- Macabéa.

- Maca, o quê?

- Béa, foi ela obrigada a completar.

- Me desculpe mas até parece doença, doença de pele.

- Eu também acho esquisito mas minha mãe botou ele por promessa a Nossa Senhora da Boa Morte se eu vingasse, até um ano de idade eu não era chamada porque não tinha nome, que ninguém tem mas parece que deu certo. - Parou um instante retomando o fôlego perdido e acrescentou desanimada e com pudor: - pois como o senhor vê eu vinguei... pois é...

- Também no sertão da Paraíba promessa é questão de grande dívida de honra.

Eles não sabiam como se passeia. Andaram sob a chuva grossa e pararam diante da vitrine de uma loja de ferragem onde estavam expostos atrás do vidro canos, latas, parafusos grandes e pregos. E Macabéa, com medo de que o silêncio já significasse uma ruptura, disse ao recém-namorado:

- Eu gosto de parafuso e pregos, e o senhor?

Da segunda vez em que se encontraram caía uma chuva fininha que ensopava os ossos. Sem nem ao menos se darem as mãos caminhavam na chuva que na cara de Macabéa parecia lágrimas escorrendo.

Da terceira vez em que se encontraram – pois não é que estava chovendo? – o rapaz, irritado e perdendo o leve verniz de finura que o padrasto a custo lhe ensinara, disse-lhe:

- Você também só sabe é mesmo chover!

- Desculpe.

Mas ela já o amara tanto que não sabia mais como se livrar dele, estava em desespero de amor (LISPECTOR, 1975, p. 43 – 44).

Com esse encontro observa-se que Macabéa era uma jovem sonhadora e por medo de perder o que demorou tanto pra encontrar, dizia que nem caia bem na conversa, mas de certo a própria moça tinha em mente que ele seria uma boa pessoa para o seu convívio amoroso, tornando assim, uma pessoa desequilibrada, pois nem o conhecia muito bem.

Macabéa era uma jovem insignificante segundo a escritora, em que descreve em contínuas linhas do Romance, onde Lispector (1977), diz que: “a própria garota prestava atenção nas coisas insignificantes como ela própria e achava o Olímpio muito sabedor das coisas” e com isso o senhor Olímpio a ironizava e era grosseiro o tempo todo, mas como ela era ingênua e estava apaixonada nem ligava, mas adiante a super escritora continua desvendando o que o charlatão disse:

A cara é mais importante do que o corpo porque a cara mostra o que a pessoa está sentindo. Você tem cara de quem comeu e não gostou, não aprecia cara triste, vê se muda – e disse uma palavra difícil – vê se muda de expressão (LISPECTOR, 1975, p. 52).

A escritora Adriana Pin (2009), descreve esse fato muito bem, quando aborda em seu livro sobre a Macabéa e cita que:

O texto procura, finalmente, “a palavra no escuro”, buscando sustentar a hipótese de que, apesar da condição massificada, social e culturalmente, da personagem Macabéa há toda uma busca desempenhada por ela, a qual vive uma certa inquietação que “dói” na frente do espelho, como se este, com reflexos cadentes, despertasse a consciência da personagem para a necessidade da construção de sua identidade, de estar no mundo, de existir, de ser (PIN, 2009, p. 15).

Com isso a autora deixa em aberto que Macabéa tinha um pensamento desenfreado, tinha dificuldades de conviver com o mundo, pois a mocinha quando veio do interior descobriu no Rio de Janeiro um novo mundo de nova cultura e novas pessoas.

Olímpio não mostrava satisfação em namorar Macabéa, o desinteresse já era percebido pelas conversas, as grosserias, os maus tratos, a má educação com a moça, a desonestidade, a falsidade e pela impaciente. Ao vê sua amiga Glória, ele se encantou com ela, pois a moça aos seus olhos tinha um belo corpo e logo sentiu que ela tinha classe.

Glória possuía no sangue um bom vinho português e também era amaneirada no bamboleio do caminhar por causa do sangue africano escondido. Apesar de branca, tinha em si a força da mulatice. Oxigenava em amarelo-ovo os cabelos crespos cujas raízes estavam sempre pretas. Mas mesmo oxigenada ela era loura, o que significava um degrau a mais para Olímpico. Além de ter uma grande vantagem que nordestino não podia desprezar [...]. vendo-a, ele logo adivinhou que, apesar de feia, Glória era bem alimentada. E isso fazia dela material de boa qualidade [...] Posteriormente, de pesquisa em pesquisa, ele soube, que Glória tinha mãe, pai é comida quente em hora certa. Isso tornava-a de primeira qualidade Olímpico caiu em êxtase quando soube que o pai dela trabalhava num açougue. Pelos quadris adivinhava-se que seria boa parideira. Enquanto Macabéa lhe pareceu ter em si mesma o seu próprio fim (LISPECTOR,

Com seu romance morno e sem sal com Macabéa Olímpio decidiu terminar tudo e voltara-se com cortejos para Glória, a pobre Macabéa ainda tinha em mente de que Olímpio iria lhe pedir em noivado até chegar ao casamento, mas para seu desgosto seu namorado acabara o namoro e ainda para acrescentar sua dor, disse-lhe que encontrara outra moça e que esta era Glória. Com o semblante caído e com a tristeza no olhar Macabéa naquele instante ficou sem chão e Olímpio acrescentou dizendo:

Diante da cara um pouco inexpressiva demais de Macabéa, ele até que quis lhe dizer alguma gentileza suavizante na hora do adeus para sempre. E ao se despedir lhe disse:

– Você, Macabéa, é um cabelo na sopa. Não dá vontade de comer. Me desculpe se eu lhe ofendi, mas sou sincero. Você está ofendida?

– Não, não, não! Ah por favor, quero ir embora! Por favor me diga logo adeus! [...].

Na hora em que Olímpico lhe dera o fora, a reação dela veio de repente inesperada: pôs-se sem mais nem menos a rir. Ria por não ter se lembrado de chorar. Surpreendido. Olímpico, sem entender, deu gargalhadas. Ficaram rindo os dois. Aí ele teve uma intuição que finalmente era uma delicadeza: perguntou-lhe se ela estava rindo de nervoso.

Ela parou de rir e disse muito, muito cansada:

– Não sei não...

Macabéa entendeu uma coisa: Glória era um estardalhaço de existir. E tudo devia ser porque Glória era gorda. A gordura sempre fora o ideal secreto de Macabéa, pois em Maceió ouvira um rapaz dizer para uma gorda que passava na rua: “a tua gordura é formosura!”. A partir de então ambicionara ter carnes e foi quando fez o único pedido de sua vida. Pediu que a tia lhe comprasse óleo de fígado de bacalhau (LISPECTOR, 1975, p. 60- 61).

Depois de ver Macabéa numa tristeza só, Glória talvez por remorso, disse a ela pra ir a uma cartomante, aonde ela ia sempre e desfazia até feitiço, aconselhou a Macabéa em ir à Madama Carlota, onde ela pagaria uma consulta e pediria pra pôr as cartas.

Madama Carlota era enxundiosa, pintava a boquinha rechonchuda com vermelho vivo e punha nas faces oleosas duas rodela de ruge brilhoso; no início de sua vida era uma pessoa pobre, comia mal, não tinha roupas boas. Parecia um bonecão de louça meio quebrado. Ao chegar Macabéa ficou um pouco assustada, ao mesmo tempo olhava encantada tudo que via com admiração e respeito. A sala da Madama era tudo luxuoso. Ela como não estava acostumada com esse tipo de lugar ficou boquiaberta com o que via. Desse modo madama disse:

Olha, quando eu era mais moça tinha bastante categoria para levar vida fácil de mulher. E era fácil mesmo, graças a Deus. Depois quando eu já não valia muito no mercado, Jesus sem mais nem menos arranhou um jeito de eu fazer sociedade com uma coleguinha e abrimos uma casa de mulheres. Aí eu ganhei dinheiro e pude comprar este apartamentozinho térreo. Larguei a casa de mulheres porque era difícil tomar conta de tantas moças que só faziam era querer me roubar (LISPECTOR, 1975, p. 73).

Madama Carlota caiu na vida de prostituição, onde se identificou muito porque era uma pessoa carinhosa por todos os homens com quem se relacionava, achava

divertido e ainda conversava com amigas de profissão. E nessa trajetória ela se relacionava tanto homem quanto mulher, onde é descrito por Lispector (1977), desse modo:

Eu era mais tolerante do que as outras porque sou bondosa e afinal estava dando o que era meu. Eu tinha um homem de quem eu gostava de verdade e que eu sustentava porque ele era fino e não queria se gastar em trabalho nenhum. Ele era o meu luxo e eu até apanhava dele. Quando ele me dava uma surra eu via que ele gostava de mim, eu gostava de apanhar. Com ele era amor, com os outros eu trabalhava. Depois que ele desapareceu, eu, para não sofrer, me divertia amando mulher. O carinho de mulher é muito bom mesmo, eu até lhe aconselho porque você é delicada demais para suportar a brutalidade dos homens e se você conseguir uma mulher vai ver como é gostoso, entre mulheres o carinho é muito mais fino (LISPECTOR, 1975, p. 74).

Carlota era uma pessoa eclética, pois na vida profissional não negava trabalho, ficava com quem aparecia trabalhava na rua encostada na porta vestia calcinha e sutiã de renda transparente, depois de anos fazendo esse trabalho foi se tornando velha e gorda foi através disso que resolveu ser caftina. Ao passar bom tempo na sala da Madama Carlota eis que ela jogou as cartas e de repente o rosto da Madama se acendeu e iluminou todo e disse:

– Macabéa! Tenho grandes notícias para lhe dar! Preste atenção, minha flor, porque é da maior importância o que vou lhe dizer. É coisa muito séria e muito alegre: sua vida vai mudar completamente! E digo mais: vai mudar a partir do momento em que você sair da minha casa! Você vai se sentir outra. Fique sabendo, minha florzinha, que até o seu namorado vai voltar e propor casamento, ele está arrependido! E seu chefe vai lhe avisar que pensou melhor e não vai mais lhe despedir.

[...]

– E tem mais! Um dinheiro grande vai lhe entrar pela porta adentro em horas da noite trazido por um homem estrangeiro. Você conhece algum estrangeiro?

– Não senhora — disse Macabéa já desanimando.

– Pois vai conhecer. Ele é alourado e tem olhos azuis ou verde ou castanhos ou pretos. E se não fosse porque você gosta de seu ex-namorado, esse gringo ia namorar você. Não! Não! Não! Agora estou vendo outra coisa (explosão) e apesar de não ver muito claro estou também ouvindo a voz de meu guia: esse estrangeiro parece se chamar Hans, e é ele quem vai se casar com você! Ele tem muito dinheiro, todos os gringos são ricos. Se não me engano, e nunca me engano, ele vai lhe dar muito amor e você, minha enfeitadinha, vai se vestir com veludo e cetim e até casaco de pele vai ganhar!

Macabéa começou a tremilicar toda por causa do lado penoso que há na excessiva felicidade (LISPECTOR, 1975, p. 76 - 77).

Na hora dessas revelações Macabéa pela primeira vez teve esperança, uma coisa que nunca lhe ocorreu ao longo de sua trajetória de vida, seu psíquico nessa hora elevou se a lugares onde nunca pensou em ir, pois foi a primeira vez que ouviu muitas coisas boas ao seu respeito e com isso seu íntimo vibrou com tantas palavras bonitas.

Tudo de repente era muito e muito e tão amplo que ela sentiu vontade de chorar. Mas não chorou: seus olhos faiscavam como o sol que morria. Então ao dar o passo de descida da calçada para atravessar a rua, o Destino sussurrou veloz e guloso: é agora, é já, chegou a minha vez!

E enorme como um transatlântico o Mercedes amarelo pegou-a [...]. Macabéa ao cair ainda teve tempo de ver, antes que o carro fugisse, que já começavam a ser cumpridas as predições de madama Carlota, pois o carro era de alto luxo. Sua queda não era nada, pensou ela, apenas um empurrão. Batera com a cabeça na quina da calçada e ficara caída, a cara mansamente voltada para a sarjeta. E da cabeça um fio de sangue inesperadamente vermelho e rico. O que queria dizer que apesar de tudo ela pertencia a uma resistente raça anã teimosa que um dia vai talvez reivindicar o direito ao grito (LISPECTOR, 1975, p. 79 - 78).

Nesse momento Macabéa sai do seu sonho imaginário e entra no real, onde foi dito que sua vida mudaria e mudou só que foi uma mudança repentina e cruel seu psicológico estaria sem direcionamento, depois de todas as palavras bonitas de mudança que ouviu, ao sair da casa de Madame Carlota 'grávida de futuro', encantada com a felicidade que a cartomante lhe garantira e que ela já começava a sentir. Então, logo ao descer a calçada para atravessar a rua, é atropelada por um luxuoso Mercedes amarelo. Esta é a hora da estrela de cinema, onde ela vai ser "tão grande como um cavalo morto".

Ao ser atropelada, ela descobre a sua essência: Lispector (1975) descreve:

Ficou inerte no canto da rua, talvez descansando das emoções, e viu entre as pedras do esgoto o ralo capim de um verde da mais tenra esperança humana. Hoje, pensou ela, hoje é o primeiro dia de minha vida: nasci (LISPECTOR, 1975, p. 80).

No último instante de sua vida, Macabéa se despedira desse mundo, seus sonhos antes ditos seriam agora mortificados, emblemados de dor e sofrimento, seu cérebro já estava quase congelando, seus sonhos se ecoaram e o psicológico da pobre jovem Macabéa se perdera em um mundo de dor e sofrimento, onde não fez muito pra mudar sua história, pois o mundo é grande demais pra pequenas mudanças então a mocinha estava ali deitada e sem batimentos despedindo de pessoas que lhe fizeram bem ou mal.

Pronto, passou.
Morta, os sinos badalavam mas sem que seus bronzes lhes dessem som. Agora entendo esta história. Ela é a iminência que há nos sinos que quase - quase badalam.
A grandeza de cada um (LISPECTOR, 1975, p. 86).

Delirando com a realidade tentou buscar o social enquanto sua alma a estranhava com o momento atual e lúcido, a fraqueza da mente, morre a estrela, com júbilo e vigor Macabéa.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao apontar o tema de A Hora da Estrela em meu artigo, foi possível observar que nesse romance, há algumas marcas de leitura, escritura, cultura, oralidade e intertextualidade. Além dessas marcas registradas, encontra-se principalmente o psíquico humano, pois ele faz-se presente durante toda a trama.

Um detalhe óbvio que se encontra nesses escritos é que a escritora, sempre moderna, no modo de escrever, construiu um objeto estético digno de ser analisado,

o lado feminino, junto com o lado psicológico que também entra em cena, onde ambos trabalham juntos afim de concatenar a personagem a trama e ao local de origem, escolhendo como modelo o viver simples de personagens sem expressão social.

Vale ressaltar que a escritura do narrador Rodrigo S. M. é sempre permeada pela preocupação de encontrar a palavra exata, a fim de melhor a representação do universo feminino da nordestina Macabéa. Existe, nesse romance, portanto, o olhar de um narrador masculino que tenta perscrutar a consciência e os sentimentos de uma personagem feminina que sofre com sua condição, no entanto sem se dar conta de sua miséria e ignorância.

Macabéa com sua imensa ingenuidade tem o desejo de alcançar uma grandiosidade, ou seja, a nordestina acredita piamente que pode viver uma vida feliz e, ao tomar consciência de sua condição miserável, crê que terá um futuro grandioso e brilhante, mas o que ela não sabe e não espera é que a fatalidade da vida também reserva seus desencantos, pois a podre jovem tem uma morte súbita e simplesmente é arremessada fora do próprio pensamento de erigem.

Ao descrever essas continuas linhas observa-se que o psicológico dos personagens em constantes momentos foram de grandes aflições, pois eles se encontraram nas mesmas situações e sonhos, mas o ego sempre prevaleceu e continuou a enobrecer, voltando se ao psíquico, os personagens queriam no máximo ter a existência própria.

4. REFERÊNCIAS

1. BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoievski**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
2. Bock, Ana Maria Mercês Bahia. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 13. Ed, São Paulo: Saraiva, 2002
3. BOSI, Alfredo (2004) **História Concisa da Literatura Brasileira**. 42. Ed, São Paulo: Cultrix.
4. CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 2. ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977. (p.125-131).
5. CERVO, Amado luíz. **Metodologia Científica**. 6. Ed. São Paulo, SP: 2007.
6. COUTINHO, Afrânio (2001) **A Literatura no Brasil – Era modernista**. 6. Ed. São Paulo: Global.
7. FERRÃO, Romário Gava. **Metodologia Científica para iniciantes em pesquisa**. 3. Ed. Vitória, ES: Incaper; 2008. P. 250.
8. FIORIN, José Luiz. **Intertextualidade e interdiscursividade**. In: __. BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006
9. FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.
10. FREUD, Sigmund. (1905 ou 1906). **Tipos Psicopáticos no Palco**. Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 07, p. 208 – 294).
11. GOTLIB, Nádia Battella (1995). **Clarice: Uma Vida que se Conta**. 4. Ed. São Paulo: Ática.
12. LACAN, Jacques (1958). **A Significação do Falo**. In: **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. P. 692 – 703.
13. LACAN, Jacques (1965). **Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol**. V. Stein. In: **outros Escritos**. Tradução de vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. P. 198 – 205.
14. LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.
15. LISPECTOR, Clarice (1975). **A Hora da Estrela**. 1. Ed. Rio de Janeiro, RJ: Rocco.
16. LISPECTOR, Clarice (1977). **Entrevista concedida na TV Cultura a Júlio**

Lerner. Disponível em: www.rioecultura.com.br/video_serie.asp?serie_cod=14 >
Acesso em: 10 de abr. 2012.

17. MOISÉS, Leyla Perrone. **Texto, Crítica, Escritura**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1993. Ensaio 45. (p. 59 – 67)

18. MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12 ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

19. PIN, Adriana (2009). **O Itinerário da Estrela: deslocamento e construção da identidade**. Vitória, ES. EDUFES.

20. SOLER, Collette (1991). **As regras da interpretação**. In: Artigos Clínicos. Transferência, interpretação, psicose. Salvador: Fator.